



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

DISCIPLINA: TCC 2

ALUNO: Eduardo Andrade da Costa

A Safilização do Futebol – “Uma triste jornada do prazer ao dever”

Rio de Janeiro, RJ - Brasil

2025

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ata de Defesa do Trabalho de Conclusão de **Curso de Licenciatura em Filosofia** de **EDUARDO ANDRADE DA COSTA**

Em **19 de dezembro de 2025**, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura de **Eduardo Andrade da Costa** intitulado: **“A Safilização do Futebol – ‘Uma triste jornada do prazer ao dever’”**. Compuseram a banca examinadora os/as professores/as **Thiago Silva Freitas Oliveira, Clarisse Toscano de Araújo Gurgel e Rosario Rossano Pecoraro**.

Após a apresentação do trabalho por escrito ou em situação presencial (para os trabalhos que optarem por tal modalidade) a banca avaliadora considera o trabalho:

- (X) aprovado
() recomenda alterações
() reprovado

Observações: A banca enviou parecer individualizado que será disponibilizado ao discente

Comissão examinadora	
Orientador/a: Thiago Oliveira	10
Avaliador/a: Clarisse Toscano de Araújo Gurgel	9,5
Avaliador/a: Rosario Rossano Pecoraro	10
Média Final	9,8

Assinatura do/da orientador/a: _____

Documento assinado digitalmente
gov.br THIAGO SILVA FREITAS OLIVEIRA
Data: 22/12/2025 10:57:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do/da estudante: _____

Documento assinado digitalmente
gov.br EDUARDO ANDRADE DA COSTA
Data: 03/01/2026 12:42:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

OBS: Fazer a ata em duas vias, uma ficará anexada ao TCC e outra deve ser entregue na Secretaria da faculdade de filosofia para arquivo na pasta do/a estudante.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Prof. Thiago Oliveira por aceitar orientar o trabalho e por toda a orientação dedicada esse trabalho durante essa trajetória. Da mesma forma, agradeço à Prof.^a Clarisse Gurgel pelo auxílio na formação do pré-projeto que gestou esse TCC ao longo da disciplina de Metodologia de Pesquisa, ao Prof. Rossano Pecoraro por todos os ensinamentos a respeito da escrita acadêmica durante a graduação e a ambos por aceitarem integrar a banca de avaliação desse trabalho. Ademais, sou grato também a todos os amigos que contribuíram e me auxiliaram durante o percurso e, por fim, a meu pai, minha mãe, minha irmã e minhas tias pelo apoio e carinho durante toda minha vida.

Sumário

Introdução – Porque estudar o Futebol de maneira Filosófica.....	3
Parte 1 – Cronologia da legislação futebolística no Brasil e a problemática da forma e conteúdo	4
Parte 2 – Globalização, Neoliberalismo e o Futebol como produto	13
Parte 3 - O papel dos clubes no enfrentamento da tendência decrescente da taxa de lucro..	16
Parte 4 – A narrativa, o Futebol e a Memória.....	23
Conclusão - Apesar de tudo, o futebol não irá acabar	31
Referências Bibliográficas	34

Introdução – Porque estudar o Futebol de maneira Filosófica

O futebol é algo que movimenta a paixão da população brasileira desde o início do século XX. A construção da identidade nacional é profundamente impactada pelo modo como nossa sociedade se relacionou e se relaciona com o futebol. É por conta dessa paixão, de um estilo de jogo único e também pelo fato de ser a seleção com mais títulos mundiais que o Brasil é conhecido mundialmente como o “País do Futebol”.

O futebol possui a capacidade de mobilizar as paixões das multidões pelo mundo de maneira contagiante. Em épocas de Copa do Mundo, todo indivíduo é compelido a torcer pelo seu país e a compartilhar um sentimento em comum com o próximo. Como expõe o autor uruguaio Eduardo Galeano, “é raro o torcedor que diz “meu time joga hoje.” Sempre diz “Nós jogamos hoje.” Ou seja, o futebol mobiliza o coletivo criando uma identificação do indivíduo com um determinado time ou uma seleção. Além disso, pode alçar seus atores a heróis nacionais, como, por exemplo, é o caso de Pelé, tricampeão do mundo pelo Brasil, a vilões, caso de Barbosa, goleiro do fatídico Maracanazo.

Ademais, o futebol em diferentes lugares do globo foi também utilizado como uma estratégia de propaganda política. Durante o Regime Militar, ocorreu a Copa do Mundo de 1970 onde o Brasil conquistou o tricampeonato mundial. Esse título foi amplamente utilizado como propaganda do regime para melhorar a sua imagem para com a população. Outro exemplo são as recentes acusações de “*Sportswashing*” feitas a respeito do governo de Ruanda¹, que, em meio a um conflito contra a República Democrática do Congo, patrocina o Arsenal, grande clube da Inglaterra, estampando em sua camisa a frase “VISIT RWANDA”.

Atualmente, no meio futebolístico brasileiro, há o início da discussão a respeito do modelo de administração dos clubes de futebol. A criação das chamadas SAFs e a venda dos clubes para os donos põem inúmeros questionamentos no que diz respeito a

¹ O patrocínio de Ruanda começou em maio de 2018, foi renovado em 2021, e **hoje o Arsenal ganha 10 milhões de libras por ano** (R\$ 72 milhões) para estampar "Visit Rwanda" na camisa. O Rwanda Convention Bureau, departamento de governo, se tornou o primeiro parceiro oficial de manga do clube, com o objetivo de aumentar o turismo para o país. A logo também é exposta em jogos no Estádio Emirates, em Londres. Só que as críticas ao Arsenal voltaram, e com força, nas últimas semanas por causa dos conflitos na República Democrática do Congo (RDC). O grupo rebelde M23, que recebe apoio direto do governo de Ruanda segundo especialistas da Organização das Nações Unidas (ONU), tomou o controle da cidade de Goma, a maior do leste da RDC, com mais de um milhão de habitantes. (LOIS, 2025)

como vai ser realizada a gestão dos clubes e como a paixão do torcedor será afetada por essa nova vertente de negócios.

Rene Lourau afirma em seu livro “Análise Institucional” que as instituições “representam em um setor particular da prática social o sentido do sistema social inteiro.” (LOURAU, 1996, p. 88). Ou seja, pensar o futebol e suas mudanças é também uma forma de pensar o capitalismo e seus processos históricos. É por isso que o seguinte trabalho demonstra a intenção de pensar o sistema do capital a partir da análise do ecossistema do futebol brasileiro.

Em primeiro lugar, o trabalho irá realizar uma cronologia dos fatos que levaram a legislação brasileira, no que diz respeito aos clubes, a evoluir até a implementação das SAFs. Dentro desse capítulo, também será introduzido um debate acerca dos conceitos de Forma e Conteúdo, utilizando como bases referenciais o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel e o jurista russo Evgueni Pachukanis.

O segundo capítulo da Tese irá analisar como a Globalização e o Neoliberalismo vão atuar no ecossistema do Futebol e como as categorias do Fetichismo da Mercadoria e Alienação influenciam na concepção do torcedor sobre o esporte. Para isso, serão utilizadas as obras “O capital – Volume 1” e os “Manuscritos Econômicos e Filosóficos” de Karl Marx.

Em sequência, a questão analisada será o papel dos clubes na tendência decrescente da taxa de lucro, conceito formulado pelo filósofo alemão Karl Marx em sua obra “O Capital - Volume 3”. Além dessa obra, para auxiliar no entendimento, serão utilizados textos de Tom Bottlmore, Friedrich Engels, Alfredo Saad Filho e Ben Fine.

O último capítulo será dedicado a realizar uma análise voltada para o campo da memória, tema filosófico muito importante nos dias de hoje, dentro do futebol. Os autores trabalhados serão Eduardo Galeano, Walter Benjamin, Filipe Mostaro e Nelson Rodrigues.

Parte 1 – Cronologia da legislação futebolística no Brasil e a problemática da forma e conteúdo

Em primeiro lugar, é necessário realizar uma conceituação a respeito do que é o clube. O clube é uma instituição. Segundo o sociólogo francês René Lourau, as

instituições são reprodutoras do sistema social inteiro em um âmbito particular. Além dessa definição, segundo a lei brasileira, o clube é uma associação, ou seja, é uma união de indivíduos sem fins lucrativos.

Tomando como base a definição edificada por Lourau, é possível chegar à conclusão de que os clubes de futebol irão reproduzir dinâmicas do sistema capitalista dentro de sua estrutura interna, como, por exemplo, no mercado de transferências. Ou seja, em uma sociedade de “produtores de mercadoria”, como afirma Marx, as equipes também serão responsáveis por produzi-las não para a satisfação de necessidades, mas sim para comercializá-las.

O primeiro clube de futebol a ser fundado no mundo foi o Sheffield Football Club. O clube inglês foi fundado no ano de 1857. Já aqui no Brasil, os dois primeiros clubes de futebol foram o Sport Club Rio Grande, fundado no Rio Grande do Sul em 19 de julho de 1900, dia esse que se tornou celebrado o Dia do Futebol, e a Associação Atlética Ponte Preta, fundada em 11 de agosto de 1900, em Campinas, São Paulo.

No que diz respeito à legislação, em 1941, o então presidente Getúlio Vargas editou o decreto-lei de número 3199. No decreto em questão, o governante regulamentava as agremiações esportivas no país e as funções da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que no futuro veio a se tornar a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

O interessante no decreto de Vargas é que há nele uma definição daquilo que pode ser considerado um clube. No artigo 48 do decreto, é dito que “A entidade desportiva exerce uma função de caráter patriótico. É proibido a organização e funcionamento de entidade desportiva, de que resulte lucro para os que nela empreguem capitais sob qualquer forma.” (DECRETO-LEI nº 3199/41) Ou seja, os clubes são entidades de caráter patriótico e estão impedidos de visar ao lucro, em outros termos, o surgimento de um clube-empresa estaria proibido por essa legislatura.

Em 1993, exatos 52 anos depois do decreto de Vargas, entrou em vigor a Lei Zico, que criou a possibilidade dos clubes de futebol se tornarem empresas. Com essa novidade, passaram a existir duas formas de gestão das equipes: o modelo associativo, pautado na coletividade, onde os associados tomam as decisões a respeito dos rumos da equipe, e o modelo de empresa, onde as decisões são tomadas por uma única pessoa ou um grupo minoritário de proprietários.

No ano de 1995, uma nova regra futebolística foi criada com a intenção de oferecer uma maior proteção aos atletas. A Lei Bosman, que se originou do célebre caso do jogador Jean-Marc Bosman, que buscava o rompimento de seu contrato com o RFC-Liège, da Bélgica, e assim obter o controle do seu passe.

Antes da Lei, o jogador de futebol, mesmo com o contrato tendo sido encerrado, continuava ligado ao clube de futebol ao qual aquele termo estava acordado. Para o atleta poder se transferir a outro clube, era necessário que outro clube pagasse uma taxa ao clube de origem a fim de que a transferência fosse realizada. Em outras palavras, o jogador estava proibido de procurar novos ares, mesmo que estivesse sem contrato com algum clube.

Após a justiça europeia dar a vitória a Bosman, as regras em questão foram profundamente alteradas. Agora, os jogadores de futebol e seus empresários possuíam total controle do passe dos atletas. O clube de futebol deixou de ter controle sobre os esportistas que atuavam por ele.

Caso parecido aconteceu no Brasil nas décadas de 60 e 70. O meio-campista Afonsinho, que à época jogava no Botafogo, estava descontente com a situação na qual havia sido submetido no clube. Por conta disso, o jogador solicitou a diretoria do clube uma transferência para outro clube a fim de ter mais tempo de jogo.

Contudo, à época havia a vigência da Lei do Passe, que funcionava de maneira similar ao que foi descrito no parágrafo sobre a situação anterior à lei Bosman. Ou seja, a vontade do jogador não tinha peso nenhum na relação com o clube, que poderia simplesmente não acatar a vontade do jogador e deixá-lo sem jogar pelo resto da carreira.

Em 1971, Afonsinho procurou um advogado e conseguiu uma liberação do vínculo com o Botafogo, podendo assim se transferir para qualquer clube, que no caso foi o Vasco da Gama. A postura no episódio, aliada a uma personalidade combatente, fez com que o jogador nunca defendesse a seleção brasileira em uma copa. Conforme afirma o atleta: "Na Copa da Argentina, que era a Copa da minha geração, talvez, eu pudesse estar. Só que o que adiantava me submeter a todas aquelas coisas que me violentavam profundamente?"

Em 1995, o primeiro clube empresa do país nasceu. O União São João de Araras, da cidade de Araras em São Paulo, aderiu ao modelo de empresa após a morte de seu

fundador. Foi sob o modelo de empresa que o clube teve como sua maior conquista a Série B de 1996, contudo, após o título, o clube novamente foi rebaixado para a segunda divisão do campeonato nacional e atualmente disputa apenas a série A3 do campeonato paulista, que equivale à terceira divisão do Estado.

Em 26 de março de 1998, 3 anos após a criação do primeiro clube empresa do país, ocorreu a promulgação da Lei Pelé, que também é conhecida como lei do passe-livre. Com a nova lei, os jogadores de futebol no Brasil passaram a ter um mecanismo de proteção contra eventuais retaliações de seus clubes.

A partir da criação da Lei Pelé, os atletas de futebol passaram a ser donos do próprio passe assim que estivessem livres do contrato. A nova regra fez com que ocorresse um aumento no número de empresários. Segundo o colunista do jornal UOL Gabriel Cocctrone, “Com a mudança da lei, os jogadores passaram a procurar agentes e empresários para negociar contratos com dirigentes de clubes, acabando com o autoritarismo de dirigentes” (COCCTRONE, 2023). De certa maneira, os jogadores passaram a vincular seus passes na mão de empresários que, a partir disso, conseguiram fazer fortuna acumulando inúmeros jogadores sob seu portfólio e ganhando dinheiro a partir de comissões.

Podemos enxergar, então, como o futebol é uma instância que reproduz a dinâmica social. O que se viu até aqui é o movimento descrito por Marx na “Contribuição à crítica da economia política”, onde é afirmado que, em uma época de contradição entre as forças produtivas e as relações de produção existentes, abre-se então uma época de revolução social. No caso do futebol, as forças produtivas, isto é, clube e jogador, entraram em conflito com as relações de produção até então vigentes, que eram traduzidas na lei do passe. Essa contradição abriu então um caminho para a lei Pelé, onde o jogador se tornou dono de seu próprio passe. Como Marx afirmou:

“Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que eram, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social.” (MARX, p.47, 2008).

Por fim, no ano de 2021, foi aprovada a lei 14.193, também conhecida como Lei da SAF. A nova legislação permitiu que os clubes de futebol, após passar por uma série de processos, pudessem se tornar uma Sociedade Anônima Futebolística.

Em sequência à aprovação da lei, alguns clubes tradicionais do futebol brasileiro migraram do modelo associativo, que ainda é maioria no país, para o novo regime de SAFs, ou seja, passaram a ser empresas que podem vender suas ações. Segundo o Regimento, os clubes associativos podem vender até 90% de suas cotas-parte, uma vez que os outros 10% são resguardados pela associação a fim de preservar a sua história.

A primeira Sociedade Anônima Futebolística regulamentada pela nova lei foi formada pelo Cruzeiro Esporte Clube. O clube foi adquirido pelo ex-centroavante do clube Ronaldo Nazário e sua empresa Tara Sports. O clube, que na época de sua venda passava por uma grave crise financeira e esportiva, vendeu 90% de suas ações para o ex-jogador.

No ano de 2024, o Cruzeiro SAF, isto é, a parte do clube que é empresa, foi vendida por Ronaldo para Pedro Lourenço, proprietário dos supermercados BH. O empresário do ramo alimentício comprou as ações de Ronaldo por 600 milhões de reais, sendo que, do montante total, 100 milhões haviam sido comprados em forma de debêntures convertíveis no ano de 2023. O empresário já era uma figura presente na política do clube quando este ainda era uma associação civil.

Em sequência, o Botafogo de Futebol e Regatas, que também passava por uma crise financeira, foi comprado pelo empresário americano John Textor por uma transação total de 400 milhões de reais por 90% do controle do clube. Após a SAF assumir o comando do time, o Botafogo ficou em 11º lugar no Campeonato Brasileiro de 2022, 5º lugar no Brasileirão 2023 e foi campeão da Libertadores da América e do Brasileirão no ano de 2024.

Por fim, o Clube de Regatas Vasco da Gama, que, assim como os outros dois clubes, passava por uma crise financeira e esportiva, foi adquirido pelo fundo de “private equity” americano 777 partners. Diferentemente dos dois clubes anteriores, que venderam 90% de suas ações, o Vasco da Gama comercializou 70% por um valor estimado de 1,4 bilhão de reais.

Como foi possível perceber, nos três casos apresentados, os clubes que foram adquiridos estavam com a situação financeira problemática. Ao mesmo tempo em que a situação financeira ruía, os resultados esportivos também não estavam sendo atingidos.

Existem também outros modelos de clube-empresa vigentes no futebol brasileiro. O exemplo mais célebre é o Red Bull Bragantino. Clube que celebrou uma parceria com o Red Bull Brasil em 2019 e desde então alcançou e se manteve na primeira divisão nacional, chegando até mesmo a disputar a Libertadores da América. A mudança do estatuto de um clube associativo incita um debate filosófico acerca do conteúdo e da forma.

No livro “A Enciclopédia das Ciências Filosóficas – A ciência da Lógica”, Hegel irá dissertar acerca da relação entre forma e conteúdo. Segundo o autor, a relação entre a forma e o conteúdo vai estar expressa da seguinte maneira:

“O [ser] fora-um-do-outro do mundo do fenômeno é totalidade, e está contido inteiramente em sua *relação-para-consigo-mesmo*. Assim, a relação do fenômeno para consigo está completamente determinada; tem nela mesma a *forma*. A forma é, assim, *conteúdo*, e, segundo sua determinidade desenvolvida, é a *lei* do fenômeno. [...] Quando há oposição entre a forma e o conteúdo, é essencial sustentar que o conteúdo não é carente-de-forma, mas que tanto tem a *forma nele mesmo*, como a forma lhe é *algo exterior*. Dá-se a duplicação da forma, que uma vez, como refletida-sobre-si, é o conteúdo; e outra vez, como não refletida sobre si, é a existência exterior, indiferente ao conteúdo. *Em si* está aqui presente a relação absoluta do conteúdo e da forma, a saber, o mudar deles um no outro, de modo que o *conteúdo* não é senão o *mudar da forma* em conteúdo, e a forma não é senão o *mudar do conteúdo* em forma.” (HEGEL, p. 253, 1995).

No trecho acima, Hegel explicita as relações entre forma e conteúdo. Para o autor alemão, quando a relação do fenômeno para consigo mesmo está completamente determinada, a forma será idêntica ao conteúdo. Por outro lado, quando forma e conteúdo não estão em conformidade, isso não significa que o conteúdo é desprovido de forma, mas sim que a relação desse conteúdo com a forma irá mudar de acordo com o referente, ou seja, quando refletida sobre si mesma, a forma será o conteúdo, enquanto que quando não refletida sobre si, ela será uma existência exterior indiferente ao conteúdo.

Em complemento a essa afirmação, Hegel vai diferenciar o conteúdo de matéria afirmando o seguinte:

“Em sentido contrário vale notar que, de fato, os dois são igualmente essenciais, e que, enquanto há tampouco um conteúdo carente-de-forma quanto uma matéria carente-de-forma, os dois (conteúdo e matéria) se distinguem um do outro justa mente porque a matéria, embora em si não seja sem forma, mostra-se no ser-aí como indiferente para com ela, quando ao contrário o conteúdo como tal só é o que é porque contém dentro de si a forma desenvolvida.” (HEGEL, p. 253, 1995)

Em outros termos, Hegel vai proclamar que o conteúdo só é aquilo que é, tendo em vista o fato de este ter dentro de si a forma desenvolvida. Por fim, Hegel aponta que

a solidez e verdade do conteúdo estão presentes nele quando este se faz semelhante à forma.

Mas, sendo assim, também se concorda, ao mesmo tempo, que os pensamentos não podem ser considerados como formas indiferentes ao conteúdo, e em si vazias; e que, como na arte, também nos outros domínios a verdade e a solidez do conteúdo repousam essencialmente em que ele se mostre como idêntico à forma. (HEGEL, p. 254, 255, 1995)

Outros autores, como, por exemplo, Pachukanis, vão resgatar o pensamento hegeliano. Em seu livro “Fascismo”, o jurista russo vai resgatar a ideia de Hegel acerca da forma e do conteúdo do objeto. Segundo ele, “Não se pode esquecer do pensamento de Hegel sobre a forma ser um ponto essencial do conteúdo” (PACHUKANIS, p.26, 2020). O que está em jogo aqui é que a verdade de um determinado conteúdo pressupõe que ele esteja de acordo com sua forma, no entanto, como visto anteriormente, quando dissociado do conteúdo, a forma reflete interiormente a si mesma, enquanto que para o exterior ele exibe um conteúdo indiferente a ela.

Partindo desse pressuposto hegeliano, podemos dizer que, apesar desses clubes em modelo de SAF procurarem emular os clubes associativos como, por exemplo, na maneira de se comunicar com o torcedor, a solidez de seu conteúdo não estará presente, tendo em vista que não haverá identidade entre a forma e conteúdo.

Como citado acima, os clubes geridos sob o modelo associativo não possuem fins lucrativos, isto é, não têm o interesse de lucrar, podendo assim concentrar os seus esforços na obtenção de melhores resultados esportivos. A forma do clube, isto é, o seu modelo associativo, é parte fundamental para que o conteúdo, em outros termos, a motivação pela qual o clube existe, possa ser voltada para o ganho de conquistas a nível nacional ou internacional. No entanto, um fator de contradição ganha os holofotes aqui, que é o fato de que, mesmo sendo associativos, esses clubes ainda são obrigados a integrar o mercado de transferências de venda e compra de jogadores a fim de reforçar seus elencos. Ou seja, mesmo que esses clubes tenham como principal intenção a obtenção de conquistas, o capitalismo ainda engolfa tudo e os força a entrar na dinâmica de reprodução.

De maneira oposta a isso estão os clubes-empresas. A forma de empresa leva a motivação principal ser a obtenção de lucros. Portanto, apesar do clube se esforçar para aludir a uma imagem de associativo, ele não pode negar a sua natureza e assim prezar pelo lucro em detrimento dos títulos. Isso se mostra de maneira muito clara quando vários

clubes-empresas, cujas finanças não estão sufocadas pelas dívidas, renunciam a realizar investimentos ou acabam por vender seus jogadores de destaque, renunciando por vezes a buscar títulos.

No entanto, não é possível desassociar os efeitos que a forma social do capitalismo impõe sobre a sociedade. Como mencionado anteriormente, o ecossistema do futebol reproduz o sistema capitalista em um ecossistema particular reduzido, portanto, é impossível para um clube de futebol, mesmo que associativo, não ser afetado pelas dinâmicas do mercado de transferências entre jogadores e, até mesmo, pelo mercado financeiro. Logo, mesmo não visando lucro, clubes associativos são forçados a entrar no mercado, buscando lucro e oportunidades de se reforçar.

Remetendo a Hegel, a ausência de simetria entre forma e conteúdo não deve ser entendida como um “livro com folhas brancas”, mas sim como um “livro cujo conteúdo nada vale”. Transcrevendo isso para um clube de futebol, não devemos entender as SAFs como mero esvaziamento da finalidade de uma equipe de futebol, ou seja, como um clube que não vá competir nunca e só vai ser uma grande loja de departamento onde qualquer dirigente poderá ir e se reforçar. Mas sim, o que os clubes-empresa realizam é a apropriação de um discurso associativo de priorizar o resultado esportivo como forma de encobrir o propósito fundamental de uma SAF, que é o lucro. A crítica marxiana se mostra válida no sentido de que a satisfação das necessidades de um clube, isto é, a necessidade de competir e angariar glórias, é relegada ao segundo plano para que se atinja o principal, que é a troca e a obtenção de uma maior quantidade de lucro.

O caso emblemático aqui é o do Botafogo de Futebol e Regatas, que hoje é uma SAF comandada por John Textor, fundador da Eagle Holding. O Botafogo teve em 2024 um dos melhores resultados esportivos de sua história, sendo campeão da Libertadores e do Campeonato Brasileiro. Contudo, em 2025, jogadores importantes do elenco, como, por exemplo, Luiz Henrique, eleito melhor jogador da América, Igor Jesus, centroavante titular da equipe na conquista, e Jair, jovem zagueiro contratado no próprio ano de 2025, foram negociados, segundo Thairo Arruda, CEO do Clube Alvinegro, “em condições desfavoráveis, aceitando taxas de transferência materialmente inferiores ao valor de mercado desses jogadores.” (ARRUDA, 2025, apud, SOARES, 2025) A verba dessas negociações não foi destinada ao caixa do Botafogo, mas sim ao Lyon, clube francês da Eagle Holding que passa por uma situação financeira devastadora. Ou seja, jogadores

fundamentais de um time vencedor foram negociados para socorrer financeiramente as finanças da Holding de Textor. Em algo similar ao que Lenin fala em sua obra “Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo”, quando ao discorrer sobre os monopólios afirma que:

“Os grandes estabelecimentos, em particular os bancos, não só absorvem diretamente os pequenos como também os “Incorporam”, subordinam-os, incluem-nos em “seu” grupo em seu “consórcio” – como anuncia o termo técnico – mediante participação em seu capital, compra ou troca de ações, sistema de relações de dívidas etc. Etc” (LENIN, p.52, 2022)

O exemplo anterior torna-se então emblemático na medida em que tudo que foi descrito por Lenin aconteceu com o Botafogo. O time foi incorporado, subordinado e “incluído” em uma grande rede multiclubes e subitamente desmontado não por conta do fator esportivo, mas sim por um fator puramente financeiro. O que é uma característica das SAFs, a ambição de lucrar vem antes da de ganhar.

A prioridade dada ao lucro pelos clubes-empresas provoca um choque cultural com a própria cultura do esporte no país. O jornalista inglês radicado no Brasil Tim Vickery declarou em 2012 acerca da mentalidade cultural do Brasil no que diz respeito à relação com o esporte:

“É impressionante como a visão do Brasil de fora é diferente da realidade. As pessoas dentro do futebol brasileiro me dizem que o brasileiro não gosta de futebol, gosta da vitória. Mas, na Europa, as pessoas acham que o futebol brasileiro é um grande Carnaval, ninguém liga para o resultado e todos se divertem. O mito e a realidade são completamente diferentes” (VICKERY, 2012)

O povo brasileiro se encanta pela perspectiva de poder ganhar jogando um futebol bonito, mas também, o torcedor brasileiro prioriza o resultado acima de tudo. Essa visão dita “resultadista” se alinha com a ideia de um clube associativo, cujo retorno econômico é destinado para o reinvestimento no clube em busca da conquista de títulos.

Contudo, essa lógica se choca diametralmente com um dos principais objetivos do capitalismo, que é a busca pelo lucro. Uma torcida pode tolerar a venda de seus principais destaques e joias da base enquanto o clube estiver sendo vitorioso, contudo, o cenário muda a partir do momento em que o clube não tem resultados e nem performance, uma vez que a torcida passaria a protestar e reclamar das vendas de jogadores chaves. A

cultura da torcida no futebol brasileiro é um dos aspectos que mais conflitam com a forma do clube empresa.

O capítulo a seguir irá explorar a parte econômico-filosófica da questão das SAFs e da venda de jogadores.

Parte 2 – Globalização, Neoliberalismo e o Futebol como produto

A primeira parte desse trabalho buscou explicar a cronologia histórica da legislação futebolística no Brasil e no mundo. O preâmbulo inicial demonstra como o futebol passou do modelo associativo estatutário como hegemônico até sua eventual contestação pelas Sociedades Anônimas Futebolísticas.

O advento das SAFs desnuda uma grande verdade dos tempos contemporâneos: a de que o futebol é também um negócio. No entanto, essa revelação do futebol como negócio provoca um estranhamento, principalmente no torcedor mais antigo. A grande questão é como isso se produz no torcedor?

Marx expõe nos “Manuscritos econômico-filosóficos” que o trabalho estranhado é um processo de mortificação/autossacrifício em que o proletário vê o produto de seu trabalho como algo estranho a ele. Conforme o seguinte trecho expõe:

“O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de autossacrifício, de mortificação. Finalmente, a externalidade (Äusserlichkeit) do trabalho aparece para o trabalhador como se [o trabalho] não fosse seu próprio, mas de um outro, como se [o trabalho] não lhe pertencesse, como se ele no trabalho não pertencesse a si mesmo, mas a um outro.” (MARX, 2021, p. 83)

Quando o futebol deixa de ser um mero esporte e passa a ser mercadoria, ele se torna sujeito ao fetichismo da mercadoria. Marx explica o caráter fetichista da mercadoria no volume 1 do Capital:

“O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores.” (MARX, 2021, p.147)

O fetichismo e o estranhamento que provoca no torcedor um distanciamento no sentido de que ele não é mais somente um torcedor apaixonado, mas sim um consumidor de um produto. A relação que o torcedor estabelece com o time não é apenas de apoio a

ele, mas sim de consumo, o que fica claro nos programas de sócio-torcedor, onde o clube oferece benefícios aos adeptos que consumirem os clubes.

Outro grande ponto de estranhamento provocado pelo fato de o futebol ter se tornado negócio é a distância que o torcedor tem da seleção de seu país. Galeano demonstra isso na crônica “Uma indústria de exportação”. Segundo o autor, a saída dos jogadores de seu país para o exterior impede os torcedores de criarem laços com os atletas, tornando a seleção algo estranho aos torcedores.

Por outro lado, as transações milionárias de jogadores que chegam a atingir até mesmo os valores de alguns clubes do Brasil não conseguem se identificar nem com os clubes que os revelam e nem com a seleção. Com a mercadorização completa do futebol, cada vez mais é difícil formar ídolos e conexões. Parafraseando Galeano, “a história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever” e, complementando, uma triste viagem da paixão ao estranhamento.

O processo de financeirização do esporte, em outros termos, a sobreposição da economia sobre o jogo, foi impulsionado recentemente por dois fatores principais, a saber: a Globalização e o advento do Neoliberalismo. Exploraremos esses fatores nos parágrafos seguintes.

O neoliberalismo é uma fase na qual o capitalismo atinge e afeta todas as esferas da vida humana, isto é, das relações de trabalho às relações afetuosas, passando pelo modo de consumo da sociedade e como se realiza a gestão das sociedades. Para definir o conceito, utilizaremos a definição de Christian Laval e Pierre Dardot:

“Trata-se mais fundamentalmente de uma racionalidade política que se tornou mundial e que consiste em impor por parte dos governos, na economia, na sociedade e no próprio Estado, a lógica do capital até a converter na forma das subjetividades e na norma das existências” (LAVAL, DARDOT, 2019)

Complementando essa ideia, Marilena Chauí vai, ao falar de totalitarismo neoliberal, definir a mentalidade que é formada no âmbito neoliberal:

“Sua grande novidade está em definir todas esferas sociais e políticas não apenas como organizações, mas como um tipo determinado de organização que percorre a sociedade de ponta a ponta e de cima embaixo: a empresa - a escola é uma empresa, o hospital é uma empresa, o centro cultural é uma empresa. Eis porque o Estado é concebido como empresa, sendo por isso espelho da sociedade e não o contrário, como nos antigos totalitarismos.” (CHAUI, 2020, p. 321)

O neoliberalismo, portanto, é um modo de governança que baliza a existência humana sob as normas do mercado financeiro, isto é, agora não há um só local que escape de ser pensado sob o signo de uma empresa. Essa mentalidade levou ao aprofundamento da lógica empresarial do futebol, uma vez que, permitiu a proliferação dos empresários e grupos ligados ao grande capital que viram no esporte uma maneira de lucrar e, também influenciou na forma de pensar do torcedor, que hoje se vê muito mais preocupado com as finanças do clube, como demonstra Filipe Mostaro no livro “A invenção dos técnicos – a narrativa dos treinadores brasileiros nas nove primeiras copas do mundo”:

“Para nós, mesmo independentes, os campos estão imbricados e em constante interação, como atualmente o campo esportivo e econômico, por exemplo. Falar hoje do capital simbólico de um clube é também falar de seus “balanços financeiros”, reconfigurando e moldando o imaginário sobre as agremiações esportivas. Claro que ter “as contas em dia” é algo benéfico, mas esta interpretação surge como “a” representação positiva de uma entidade. Mais do que isso, na conquista destas posições estratégicas no campo consegue-se arquitetar a “distinção” do clube “financeiramente saudável” frente aos demais agentes do campo.” (MOSTARO, 2025, p.53).

A Globalização é um processo propagandeado como um processo totalmente benéfico para a humanidade, entretanto, a realidade se mostra de maneira completamente diferente. Como demonstra o geógrafo Milton Santos, “É como se o mundo se houvesse tornado, para todos, ao alcance da mão. Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas” (SANTOS, 2000, p. 19).

A globalização e o neoliberalismo, aliados à Lei Bosman, brevemente explicada no capítulo anterior, provocaram uma verdadeira revolução no futebol mundial. Clubes europeus do centro do futebol mundial, como, por exemplo, Espanha, Itália, Alemanha e, principalmente, Inglaterra, foram beneficiados por uma melhor situação econômica em seus países, uma vez que possuem uma moeda mais forte se comparada a, por exemplo, o real e, por conta disso, podem pagar salários superiores aos dos países da periferia do capitalismo, seduzindo assim os atletas a jogar no velho continente. Inúmeros casos podem ilustrar essa situação, mas aqui utilizaremos o caso do atleta Vinicius Jr que, ao chegar ao Real Madrid, passou a ganhar um salário de 7,5 milhões de euros anuais, aumento substancial se comparado ao primeiro contrato dele no Flamengo, onde o atleta recebia 10 mil reais por mês (120 mil por ano).

Transformados em meros exportadores de talentos, os clubes brasileiros hoje têm dificuldades de competir com os europeus e, não obstante, quando ameaçam competir, as

diferenças financeiras se impõem drasticamente; caso célebre ocorreu no ano de 2025 na primeira edição da Copa do Mundo de Clubes. O Chelsea, time inglês situado na cidade de Londres, realizou uma fase de grupos conturbada no torneio, se classificando em segundo lugar em seu grupo. Ao chegar na fase de mata-mata, o Chelsea abriu os cofres e efetuou a contratação de João Pedro, que teve um impacto imediato na equipe inglesa, marcando 3 gols em 3 jogos disputados no torneio e garantindo o título do torneio para a equipe inglesa. O Chelsea eliminou em seu caminho 2 clubes brasileiros, o Fluminense e o Palmeiras. Ao registrar a eliminação do Fluminense, o jornalista Carlos Eduardo Mansur descreveu como a desigualdade econômica afeta a competição:

“Há quem chame os gols de João Pedro de “lei do ex”. Também é possível chamar de “lei do dinheiro”. Qualquer que seja o formato dos próximos mundiais, das próximas Copas do Mundo de Clubes, eles sempre acontecerão sob a sombra da desigualdade. E ainda que um sul-americano, africano ou asiático consiga progredir, algo que é próprio de torneios em mata-mata com suas imprevisibilidades, não é saudável que equipes de todos os continentes cheguem aos torneios como desafiantes. A globalização criou supertimes que são atrações sob medida para o futebol conquistar mercados, fazer o chamado “dinheiro novo”. Mas o efeito colateral é transformar clubes de escolas tradicionais, a nova periferia do futebol, em meros fornecedores do pé de obra para as potências globais.

E aqui cabe um parêntese. Clubes brasileiros, lado frágil do abismo econômico em disputas intercontinentais, são o lado opressor desta mesma patologia do jogo ano após ano na Libertadores. A cada temporada, tiram dos rivais sul-americanos os melhores jogadores que a Europa não consumiu.” (MANSUR, 2025)

A desigualdade financeira atingiu níveis absurdos nos dias de hoje, os clubes da Premier League (primeira divisão da Inglaterra), por exemplo, gastaram somados o equivalente a 3 bilhões de Libras (21 bilhões de reais) ao passo que o Brasileirão gastou 1,7 bilhões de reais, o que demonstra a diferença de níveis de investimento das duas ligas. O esporte é ditado pelo financeiro. Como expõe Mansur, “o abismo econômico dita o rumo do resultado esportivo. E, está patologia do jogo atual, nem a Fifa, nem qualquer agente capaz de deliberar sobre os rumos do futebol, encontrou formas de combater.” (MANSUR, 2025). Mas para entendê-la de maneira completa, é necessário realizar uma análise das próprias estruturas do Capital, que será feita nas páginas seguintes.

Parte 3 - O papel dos clubes no enfrentamento da tendência decrescente da taxa de lucro

Os clubes de futebol, como exposto na citação a René Lourau, são instituições que replicam tendências do capitalismo em âmbitos menores, que nesse caso será o futebol.

Em primeiro lugar, é necessário explicar ao leitor alguns conceitos importantes da análise marxista do Capitalismo para depois entendermos a Tendência decrescente da taxa de lucro e a sua relação com o futebol.

O capitalismo é uma forma social de reprodução de riqueza cujos atores econômicos visam o lucro a todo custo. O lucro é obtido a partir da extração do mais-valor da força de trabalho. A mais-valia pode ser obtida de duas formas diferentes, a saber: a mais-valia absoluta e o mais-valor relativo.

A mais-valia absoluta é a obtenção do lucro a partir do aumento da carga de trabalho e, por consequência disso, o aumento da mais-valia explorada pelo capitalista. Os economistas Ben Fine e Alfredo Saad Filho vão explicar esse movimento da seguinte maneira: “Com base nos métodos de produção existentes – isto é, com os valores de mercadorias permanecendo inalterados -, a maneira mais simples de se fazer isso é estendendo a jornada de trabalho.” (BEN FINE, SAAD FILHO, 2021, p. 55).

Para ilustrar isso, podemos recorrer ao seguinte exemplo: um trabalhador de uma fábrica trabalha 10 horas por dia ganhando 4 reais de salário. Isso significa que, das 10 horas trabalhadas, 6 ele produz além de sua carga de trabalho, ou seja, 6 reais de mais-valor para o capitalista. Para maximizar o mais-valor, o patrão, pode continuar pagando 4 reais de salário, contudo, a jornada de trabalho do trabalhador será aumentada para 12 horas e, portanto, a mais-valia será de 8 reais.

A mais-valia relativa parte de um outro pressuposto para chegar à mesma conclusão, isto é, a maximização dos lucros. O mais-valor relativo é obtido a partir do aumento da produtividade, normalmente alcançado a partir do incremento de capital fixo na linha de produção, o que permite que seja produzido a mesma quantidade de mercadoria em menos tempo de trabalho, e o desenvolvimento de todas as forças produtivas. Para fins de melhor visualização do conceito, ao invés de levar 4 horas para produzir o equivalente a 4 horas de trabalho, com o incremento tecnológico se produz em 2 horas o equivalente a 4 horas de trabalho, o que adiciona mais 2 horas de mais-valia para o capitalista. A dupla de economistas citada anteriormente define o conceito da seguinte maneira:

“O mais-valor relativo é produzido pela redução do valor da força de trabalho (v) através do aumento da produtividade no setor produtor de bens de consumo assalariado (mantendo o salário real constante) ou, de forma mais geral, pela

apropriação dos ganhos de produtividade pela classe capitalista” (BEN FINE, SAAD FILHO, 2021, P.57)

O mais importante para o entendimento da discussão centrada no texto será a mais-valia relativa. Mas, além disso, para compreender a Tendência decrescente da Taxa de Lucro, será necessário se debruçar acerca de outro conceito importante na literatura marxista. A saber as diferentes composições do capital. Composição Técnica, Composição Orgânica e Composição de Valor do Capital.

Como exposto anteriormente, nos esforços para aumentar o mais-valor, o capital busca incrementar a produtividade a partir da inovação tecnológica. Como expõe Tom Bottomore no “dicionário de conceitos marxistas”, “No capitalismo, um aumento de produtividade implica sempre uma redução do número de trabalhadores em relação aos meios de produção com os quais trabalham” (BOTTOMORE, p.118). Em outros termos, o aumento da produtividade, que aqui podemos identificar como um aumento do mais-valor relativo, se dá a partir da redução do número de trabalhadores necessários para produzir uma determinada quantidade de valor em virtude do incremento do maquinário. A razão entre os meios de produção e o trabalho necessário para colocá-los em ação se chama, para Marx, composição técnica do Capital (CTC).

A representação da CTC sob a forma de valor vai ficar a cargo da Composição Orgânica do Capital (COC). A COC, vai representar a CTC pelos valores anteriores dos seus insumos, isto é, os meios de produção e a força de trabalho são tomados pelos seus valores antigos a fim de que, a partir de abstrações, consiga se estabelecer o impacto do aumento da produtividade no valor do produto. Portanto, a COC vai refletir mudanças na composição da CTC. Recorrendo novamente ao dicionário: “Uma alteração na COC significa simplesmente o valor de uma modificação na CTC, e assim as variações na COC são diretamente proporcionais às variações na CTC.” (BOTTOMORE, p. 119)

Por outro lado, a Composição de Valor do Capital (CVC) demonstra a composição técnica do capital quando os insumos são tomados pelos seus valores atuais, isto é, pós-aumento de produtividade. Por consequência, os diferentes pontos de partida adotados pela COC e CVC vão refletir em uma diferença do valor. Uma diferença de valor muito alta entre as duas composições pode refletir em uma crise econômica no modelo capitalista.

O preâmbulo realizado a fim de explicitar alguns mecanismos de funcionamento do sistema capitalista servirá de apoio para a explicitação do conceito da Tendência Decrescente da Taxa de Lucro e como ela se expressa no futebol.

Marx vai definir a LQTTL no livro 3 do Capital. O autor afirma que:

“Se, além disso, partirmos do pressuposto de que essa alteração gradual na composição do capital não se opera simplesmente em esferas isoladas da produção, mas, em maior ou menor grau, em todas ou pelo menos nas esferas decisivas da produção e que, portanto, essas alterações afetam a composição orgânica média do capital total existente numa determinada sociedade, chegaremos necessariamente à conclusão de que crescimento gradual do capital constante em proporção ao variável tem necessariamente como resultado *uma queda gradual na taxa geral de lucro*, mantendo-se constante a taxa do mais valor, ou seja, o grau de exploração do trabalho pelo capital.” (MARX, 2017, p.263)

De maneira simplificada, a alteração da composição do capital vai agir de maneira geral em diversos setores da produção de uma sociedade capitalista. Assim, a ampliação do capital constante sobre o capital variável provoca um aumento na mais-valia relativa, enquanto provoca uma queda gradual na taxa de lucro.

Marx reafirma essa tendência no seguinte trecho do volume 3 de “O capital”:

Com a queda progressiva do capital variável em relação ao capital constante, a produção capitalista gera uma composição orgânica cada vez mais alta do capital total, que tem como consequência imediata o fato de que a taxa do mais-valor, mantendo-se constante e inclusive aumentando o grau de exploração do trabalho, se expressa numa taxa geral de lucro sempre decrescente. (MARX, 2017, p. 264)

Ou seja, o aumento da composição orgânica do capital através da melhoria da maquinaria produz uma COC muito alta que, em virtude do aumento do mais-valor relativo e até mesmo da exploração, vai levar a uma taxa de lucro decrescente.

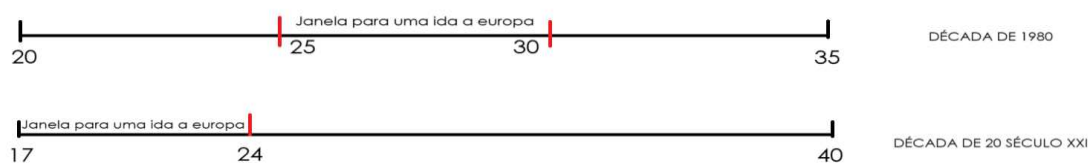
Como visto anteriormente, essa tendência não se limita a inúmeros setores da produção e, como concordamos com Lourau quando este afirma que os clubes replicam em esfera reduzida. Passamos a ver como a LQTTL se expressa no ecossistema do futebol.

Passando para o futebol, atualmente a carreira de um jogador de futebol profissional se inicia muito mais cedo do que se iniciava há 50 anos. Com exceção de gênios como Pelé, a maioria dos jogadores começava a se destacar entre os 20 e 23 anos de idade nos times em que se era revelado. Atualmente, 23 anos de idade é uma idade

considerada ruim para a venda de jogadores, uma vez que, ele já não possui mais tanto potencial.

A partir da inovação tecnológica, a carreira de um jogador de futebol se expandiu de duas maneiras. Atualmente, o jogador de futebol atinge a maturidade física com 16/17 anos, sendo capaz de atuar nos profissionais sem sentir dificuldades físicas, da mesma forma em que é cada vez mais comum profissionais chegarem aos 38, 39 e 40 anos atuando em alto nível.

Quanto mais jovem o jogador de futebol é, mais valioso ele será para os clubes de futebol que visam possuir o seu passe. Atualmente, os jogadores jovens que se destacam aos 17 anos de idade são rapidamente vendidos a preços variados, que dependem muito da posição na qual ele atua e da situação financeira na qual o clube se encontra. Podemos descrever a geração de mais-valor relativo que um clube tem na produção de um jogador da seguinte forma:



2

A grande questão existente é a Tendência decrescente da taxa de lucros. Karl Marx aponta que a TDTL atua da seguinte maneira no capitalismo:

Com a queda progressiva do capital variável em relação ao capital constante, a produção capitalista gera uma composição orgânica cada vez mais alta do capital total, que tem como consequência imediata o fato de que a taxa do mais-valor, mantendo-se constante e inclusive aumentando o grau de exploração do trabalho, se expressa numa taxa geral de lucro sempre decrescente. (MARX, p.264, 2017)

Portanto, a partir do aumento do maquinário tecnológico em detrimento da força de trabalho, a composição orgânica do capital se desenvolve a um ponto em que a taxa de mais-valia se mantém constante, provocando, contudo, uma queda gradual na taxa de lucro do capitalista.

² Gráfico 1 – Demonstra o tempo de carreira de um jogador de futebol na década de 1980 e na década de 2020 do século XXI.

Marx aponta algumas formas de se combater essa tendência. Uma dessas formas é a acumulação. No seguinte trecho, ele afirma que: “No entanto, a própria acumulação e, com ela, a correspondente concentração do capital, é um meio material para aumentar a força produtiva (MARX, 2017, p. 270)”. Ou seja, procedendo com a acumulação, os grandes capitalistas podem incrementar o capital vivo de suas empresas, a partir da ampliação do número de funcionários em sua empresa, e assim evitar, de modo paliativo, a queda da taxa de lucro.

Como se daria essa maneira de evitar a TDTL no meio do futebol? Como exposto anteriormente, já existem no ecossistema do futebol as redes multiclubes. O grande exemplo a ser utilizado aqui será o do Grupo City. O City Football Group é, segundo informações retiradas de seu site oficial, uma empresa “De propriedade majoritária da Newton Investment and Development LLC de posse da sua alteza real Sheikh Mansour bin Zayed Al Nahyan”³.

O Grupo City é uma rede multiclubes que conta com 13 clubes em seu portfólio. Dentre esses clubes, o principal é o Manchester City, clube inglês que, desde que foi adquirido pela holding em 2013, conquistou 7 campeonatos nacionais de pontos corridos, 15 copas nacionais, 1 torneio continental e 1 torneio intercontinental, sendo assim um dos clubes mais vitoriosos da última década e do século XXI.

Além do Manchester City, a holding conta com vários clubes pelo globo. Os outros funcionam como filiais para realizar desenvolvimento e captação de atletas para, no futuro, serem utilizados pelo time principal. Esses clubes, muitas vezes denominados de satélites, não têm intenção de vencer torneios, mas sim, somente desenvolver ativos para o clube principal.

A partir dessas informações, podemos adentrar no território de como a acumulação é utilizada no meio do futebol. Segundo informações de 2025, a holding enfrenta um prejuízo geral de 7,3 bilhões de reais desde a sua criação em 2013, no entanto, o principal clube do conglomerado registrou um lucro de 103,4 milhões de libras em 2024.

³ “CFG is majority owned by Newton Investment and Development LLC, fully owned by His Highness Sheikh Mansour bin Zayed Al Nahyan, with a significant minority shareholding of nearly 17% held by US-based global technology investment firm, Silver Lake.”

O interesse da holding aqui não está localizado em fazer com que todos tenham sucesso, mas sim, que o seu clube principal tenha sucesso financeiro e esportivo. Segundo o site Globo Esporte, a holding “gastou 322,2 milhões de libras em novos jogadores, sendo 95,8 milhões de libras em atletas que não foram para o Manchester City, mas sim para os outros clubes da rede.” (GE, 2025). Ou seja, o Manchester City, como clube principal do conglomerado e centro de seus investimentos, retorna os investimentos da empresa em lucro para ela, contudo, os clubes satélites não realizam a mesma operação.

Os clubes satélites aqui são nada mais que meras instituições compradas para incrementar o capital vivo da empresa a fim de evitar a TDTL de modo mais abrupto, no entanto, essa acumulação desenfreada tira desses clubes a possibilidade de competir e dar glórias às suas torcidas, transformando-os em mero celeiro de craques.

Além disso, outra consequência desse movimento é um desequilíbrio do ecossistema local do futebol. Uma grande holding entrando no cenário nacional com capacidade de investimento substancialmente maior que os clubes do Brasil, como foi exposto na segunda parte desse trabalho com as diferenças de gastos entre as duas ligas, pode causar um desequilíbrio na competitividade.

Para exemplificar de maneira concreta, vejamos o caso do atleta Kauê Furquim. O jogador de 16 anos integrava o elenco sub-17 das categorias de base do Corinthians quando o Esporte Clube Bahia, um dos clubes integrantes do City Football Group, pagou a multa rescisória de 14 milhões de reais e efetuou a contratação do atleta. A prática aqui descrita mostra um caminho que pode ser seguido pelo conglomerado a fim de evitar altos gastos com contratação de atletas e, por conseguinte, obter evitar uma queda da taxa de lucros.

A partir do momento em que o conglomerado adentra no mercado de determinado país, ele passa a agir na captação de atletas de base e passará a desenvolver estes jogadores e não os contratar, uma vez que já poderá integrá-lo ao seu elenco “direto da fonte” e não por intermédio de outrem (compra do atleta do seu clube de origem e etc.). Não se pode perder de vista que adquirir um clube de futebol é também adquirir sua categoria de base, o que configura uma ampliação de capital tanto constante, isto é, estrutural, quanto vivo, atletas e categorias de base, que é um dos pressupostos fundamentais para evitar a TDTL.

Parte 4 – A narrativa, o Futebol e a Memória

A nova etapa do futebol, inaugurada pela criação das Sociedades Anônimas Futebolísticas, consolida um processo que já vinha sendo realizado há muito tempo. Um processo de intensificação do caráter mercadológico do esporte, em outros termos, se torna cada vez mais claro para o público geral que o futebol não é somente um esporte, e sim um grande negócio. Essa seção do trabalho vai se dedicar a analisar os impactos na memória cultural dessa guinada.

“A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever” (GALEANO, 2024, p. 10). Começamos o capítulo com essa frase emblemática e, ao mesmo tempo, reveladora do grande escritor e pensador latino-americano Eduardo Galeano, pois entendemos que o significado por detrás da frase pode ser capaz de sintetizar, de maneira bem didática e objetiva, o que hoje se tornou o futebol. Cada vez menos um esporte coletivo e competitivo, envolvendo elementos culturais dos mais variados, e cada vez mais um negócio bilionário que não vê limites na mercadorização dos atletas, torcedores e clubes ao redor do globo, movimentando bilhões de pessoas com um único fim: o lucro.

Ressaltando o que foi afirmado acima, atualmente pouco importa se o atleta está introduzido em uma cultura de jogar do país, se ele irá criar alguma relação com a torcida ou até mesmo se ele irá dar o retorno esportivo. O que é altamente prejudicial culturalmente para o futebol, tendo em vista que, jogando por pouco tempo aqui, o atleta não adquire os traços artísticos que tanto caracterizam o futebol brasileiro. Aquilo que fez o Brasil se tornar o “País do Futebol” ainda chama muita atenção pelo mundo, mas hoje em dia é meramente um produto. Fazendo alusão a Marx:

“Veio um tempo, enfim, em que tudo aquilo que os homens consideravam inalienável se tornou objeto de troca, de tráfico, e podia alienar-se. Foi o tempo em que as coisas que até então eram transmitidas, mas jamais trocadas, dadas, mas jamais vendidas, adquiridas, mas jamais compradas - virtude, amor, opinião, ciência, consciência etc. -, o tempo em que tudo passava pelo comércio.” (MARX, p.48, 2009)

As histórias do futebol brasileiro remontam desde o início do século passado. Segundo Filipe Mostaro, O esporte chega no país trazido por imigrantes ingleses sob o signo de uma modernidade e, por conta disso, foi adotado pelas elites como símbolo de “civilidade” e “Sofisticação”. Contudo, apesar das tentativas de afastar as classes subalternas, o esporte rapidamente passou a se popularizar no seio do operariado brasileiro tornando-se assim o esporte mais popular do país. A lua de mel do futebol com

as classes populares prosseguiu por muito tempo, contudo, nos dias de hoje, a elite busca afasta-las dos estádios com a construção das arenas “padrões-FIFA”, que não possuem setores populares, a instituição dos programas de sócio torcedor e a alta substancial dos preços das camisas, que hoje custam entre R\$ 218 (Operário-MS) e R\$ 699,99 (Corinthians).

No imaginário popular Podemos exemplificar usando o futebol carioca, o dramaturgo Nelson Rodrigues afirmou “O Fla-Flu começou 40 minutos antes do nada”, o Torcedor vascaíno pode se orgulhar da resposta histórica de 1922, o botafoguense do esquadrão botafoguense de 1957, são alguns exemplos que se estendem por todo o país. Em suma, todo torcedor tem um motivo para se orgulhar do seu time.

A construção histórica desse futebol perpassa muito por um tipo de torneio que, apesar de ainda existir, já não tem mais o prestígio que outrora teve. Essa competição são os campeonatos estaduais, que podemos chamar de berço de rivalidades e grandes histórias.

Trazendo novamente o futebol carioca para o centro da análise, o torneio do estado do Rio de Janeiro fomentou rivalidades, mobilizou histórias e construiu imagens de determinadas equipes que permanecem até hoje. Evocando novamente o dramaturgo Nelson Rodrigues, um exímio construtor das memórias do futebol brasileiro, que ao descrever o Flamengo afirmou:

Passou-se. E o Flamengo joga, hoje, com a mesma alma de 1911. Admite, é claro, as convenções disciplinares que o futebol moderno exige. Mas o comportamento interior, a gana, a garra, o élan são perfeitamente inatuais. Essa fixação no tempo explica a tremenda força rubro-negra. Note-se: — não se trata de um fenômeno apenas do jogador. Mas do torcedor também. Aliás, time e torcida completam-se numa integração definitiva. (RODRIGUES, p.13, 1993).

Não só a construção dos clubes, mas também dos personagens e ídolos de torcidas inteiras, acerca de Castilho, maior ídolo da história do Fluminense, Nelson escreve:

Abriu as portas, pela primeira vez, em 51. De repente, os adversários começaram a perceber que o Fluminense não jogava somente com classe, somente com técnica. Castilho era bom, era ótimo, era formidável. Mas um arqueiro tem os limites da condição humana. Ora, Castilho fazia defesas sobrenaturais. E todo mundo começou, por trás do arqueiro, a ver a influência extraterrena da leiteria. (RODRIGUES, p.83, 1993)

Mas os campeonatos estaduais não eram feitos somente dos clubes grandes e suas histórias. Os chamados clubes pequenos também figuravam com grandes times como, por

exemplo, o tradicional Bangu Atlético Clube que foi campeão do campeonato nos anos de 1933 e 1966 em cima do Flamengo (1966) e do Fluminense (1933). Em suma, o alicerce originário do futebol brasileiro são os campeonatos estaduais.

Esses campeonatos conservaram um lugar de suma importância até meados da década de 1980. Nesse período, esse torneio começou a dividir importância com outras competições, sobretudo o campeonato nacional. Em 1986, um verdadeiro caos na organização do campeonato nacional deu a brecha para o recém-formado clube dos 13 (os 12 grandes do país mais o Bahia) passar a articular um campeonato nacional cada vez mais restrito aos clubes menores.

Um caso emblemático nessa restrição é o caso do tradicional América-RJ. Em 1986, a agremiação chegou às semifinais do campeonato brasileiro, sendo derrotada pelo futuro campeão São Paulo. Com a reformulação do torneio, o América foi realocado para o chamado módulo amarelo e se recusou a participar do torneio, iniciando um calvário que dura até hoje. Segundo Márcio Braga, ex-presidente do Flamengo na época, a participação do América não foi sequer cogitada, mesmo com o resultado esportivo do ano anterior.

“O América não tinha todo esse apelo popular e econômico naquele momento. Nós vínhamos de campeonatos absurdos com 120 times. Quando você forma uma liga, tem que se medir a força política de cada um. Não pensamos no América e acredito que acertamos” (BRAGA, apud GE, 2014).

Os motivos para essa restrição são principalmente econômicos. Pegando como exemplo o caso do América. Em 2002 uma pesquisa da revista Placar revelou que a média histórica de público do América era de 6500 pessoas no estádio, isso demonstra que, a equipe pouco mobilizava seus torcedores para o estádio. Em um universo em que se podia fazer futebol com pouco dinheiro havia espaço para o clube se manter competitivo, contudo, a partir do momento em que o aspecto financeiro se torna de suma importância, clubes como o América passam a sofrer com extremas dificuldades sendo postos para fora da “grande festa” do Futebol Brasileiro que é a Série A.

Ademais, um campeonato com um menor número de times implica em menores gastos com logística, uma vez que se joga menos e, como consequência, se gasta menos com passagens e hospedagem. Além disso, proporcionar um maior número de jogos entre times ditos grandes, ou seja, era muito mais atrativo para as transmissões televisivas e

para as vendas de ingresso que os grandes clubes se enfrentassem mais vezes entre si ao invés de enfrentarem clubes pequenos.

Podemos comprovar essa restrição com a seguinte tabela com o número de jogos dos clubes grandes cariocas nos anos de 80 até os anos 2010:

Fluminense	Decada de 80		Flamengo	Decada de 80		Vasco	Decada de 80		Botafogo	Decada de 80		Bangu	Decada de 80	
1980	47	47,2	1980	49	54,6	1980	53	50	1980	45	44,3	1980	37	42,2
1981	50		1981	69		1981	54		1981	54		1981	48	
1982	49		1982	52		1982	49		1982	44		1982	40	
1983	38		1983	57		1983	44		1983	37		1983	32	
1984	50		1984	57		1984	50		1984	45		1984	30	
1985	50		1985	51		1985	54		1985	42		1985	56	
1986	46		1986	49		1986	49		1986	47		1986	52	
1987	50		1987	54		1987	50		1987	42		1987	50	
1988	48		1988	54		1988	50		1988	45		1988	45	
1989	44		1989	54		1989	47		1989	42		1989	32	
Fluminense	Decada de 10		Flamengo	Decada de 10		Vasco	Decada de 10		Botafogo	Decada de 10		Bangu	Decada de 10	
2010	62	66,1	2010	66	68,5	2010	64	64,6	2010	61	64,4	2010	31	25,8
2011	63		2011	67		2011	74		2011	65		2011	35	
2012	69		2012	63		2012	67		2012	66		2012	36	
2013	68		2013	68		2013	59		2013	67		2013	33	
2014	62		2014	69		2014	65		2014	65		2014	27	
2015	61		2015	62		2015	67		2015	63		2015	23	
2016	66		2016	66		2016	64		2016	64		2016	22	
2017	75		2017	83		2017	57		2017	72		2017	22	
2018	66		2018	67		2018	67		2018	62		2018	14	
2019	69		2019	74		2019	62		2019	59		2019	15	

Os clubes grandes da cidade do Rio de Janeiro tiveram um aumento que varia entre 14 a 20 jogos, enquanto o tradicional Bangu, campeão estadual nos anos de 1933 e 1966 e que viveu grande fase na década de 80, tem jogado cada vez menos nos últimos anos.

A partir da década de 1990, os campeonatos estaduais começaram a perder relevância. Por mais que ele ainda gerasse grandes momentos, como, por exemplo, o Gol de Barriga no carioca de 1995, os olhares do público passaram a se voltar para competições como a Copa do Brasil e a Libertadores da América.

Nos anos 2000, uma nova medida é visada buscando restringir o acesso dos clubes pequenos à primeira divisão do campeonato nacional. A adoção do modelo de pontos corridos beneficia aqueles que possuem uma maior capacidade de investimento, uma vez que é um campeonato a longo prazo, que percorre o ano todo. Essa medida, nos dias de hoje sobretudo, provoca a substituição de clubes de massa tradicionais como, por exemplo, Paysandu, do Pará, e o Santa Cruz, de Pernambuco, por clubes “artificiais” e SAFs, em outros termos, clubes dos grandes centros econômicos do país com dinheiro, mas com ínfima torcida, casos de Mirassol e Red Bull Bragantino, ambos de São Paulo.

Mais do que mera mudança de regulamento, o que se modifica é o próprio modo de percepção acerca do esporte. O autor Walter Benjamin, em seu ensaio “A obra de arte

na época de sua reprodutibilidade técnica”, afirma que “No interior de grandes períodos históricos, transforma-se com a totalidade do modo de existência das coletividades humanas também o modo de sua percepção.” (BENJAMIN, p.25, 2012) Os pontos corridos, assim como as mudanças anteriores a ele, provocam uma mudança no olhar acerca do futebol brasileiro, que vê a era dos estaduais como algo ultrapassado e antiquado. Enxergar os estaduais como um torneio sem importância, aliado às mudanças que visam mimetizar o que é feito no velho continente, transforma a geografia do futebol, tornando-o algo dos grandes centros econômicos, visto que, como mencionado anteriormente, clubes tradicionais de fora das metrópoles são enfraquecidos e, conseqüentemente, acabam sendo substituídos por clubes de pouca história.

Não só isso, mas também, a visão do Futebol Brasileiro como algo atrasado perante ao rico Futebol Europeu ganha força por conta dessa mudança na maneira de perceber. Recorrendo ao Benjamin novamente, o autor afirma que:

“A reprodutibilidade técnica da obra de arte altera a relação da massa com a arte. De uma atitude extremamente retrógrada diante, por exemplo, de um Picasso, passa a uma relação extremamente progressista em face, por exemplo, de um Chaplin. O comportamento progressista se caracteriza aqui pelo fato de que, nele, o prazer em ver e vivenciar possui uma ligação imediata e interna com a postura do avaliador especialista. Tal ligação é um indicio social importante, pois, quanto mais o significado de uma arte diminui, tanto mais se separam – como se comprova nitidamente face à pintura – a postura crítica da postura de fruição do povo. (BENJAMIN, p.91, 2012).

O recém-iniciado processo de “Safilização” do futebol brasileiro mostra um alinhamento para como o futebol é estruturado na Europa e a maneira pela qual essas mudanças são vistas e recebidas aqui. A crítica excessiva e acintosa aos modelos associativos revela uma similaridade pela qual a atitude para com a pintura é vista no texto de Benjamin. Enquanto há uma verdadeira demonização do modelo associativo, visto como ultrapassado e fadado à inexistência, existe uma tolerância com os clubes-empresas, enxergados como modernos e capazes de alinhar lucro e resultado esportivo.

Todo esse preâmbulo é necessário para explicitar um ponto fundamental da questão da “Safilização”. Esse processo é um agravamento de um contexto já anterior a ele, que é o apagamento da tradição do futebol brasileiro. O movimento, que já age sobre a paixão do torcedor, seus sentimentos e afetos, ataca também a memória daqueles que um dia foram tradicionais.

O futebol brasileiro, como já visto anteriormente, é alimentado pelas grandes narrativas. O professor Filipe Mostaro, em sua obra “A invenção dos técnicos – a narrativa dos treinadores brasileiros nas nove primeiras copas do mundo”, defende uma maneira de ver o esporte que é muito propícia na vertente de análise deste trabalho. A ideia de que “narrar e jogar estão intimamente ligados” (MOSTARO, p.77, 2025).

Toda grande conquista no futebol passa por aspectos que engradem a narrativa da empreitada. E aqui utilizo o conceito de narrativa de sentido benjaminiano como algo que retém uma força até mesmo quando não é novidade, ou seja, um elemento que toda vez que é lembrado ainda assim consegue produzir um grande impacto no sujeito que a ouve. Os grandes títulos se tornam ainda mais grandiosos quando passam por adversários que evocam uma certa mitologia sobre eles. Aqui podemos utilizar dois exemplos que, apesar de contextos distintos, indicam esse aspecto. O primeiro exemplo é a conquista da Libertadores de 2023 do Fluminense sobre o Boca Juniors que, apesar de ter feito uma campanha medíocre na fase eliminatória do torneio (6 empates em 6 jogos antes da final), carrega toda uma construção histórica de ser um time imponente e difícil de ser batido. Por outro lado, o título de 2019 do Flamengo sobre o River Plate foi conquistado em cima de uma equipe que possuía um time com jogadores de bastante qualidade, o que também engrandece a conquista.

Recorrendo novamente a Walter Benjamin, em seu livro “Sobre o conceito de história”, ao falar de como a história está escrita, realiza uma crítica do historicismo na medida em que ele narra os fatos sempre tendo em vista o ponto de vista daqueles que venceram. Segundo o autor alemão, “A natureza dessa tristeza se tornará mais evidente quando nos perguntamos com que propriamente o historiógrafo do historicismo tem empatia. A resposta é inevitavelmente [:] com o vencedor.” (BENJAMIN, p. 73,74, 2020). Já em outro trecho, o autor diferencia a atitude historicista da atitude de um historiador que tem o materialismo histórico dialético como método. “O materialista histórico dela se afasta ao máximo. Ele considera que a sua tarefa é escovar a história a contrapelo.” (BENJAMIN, p. 73, 74, 2020).

Aqui podemos realizar um paralelo com as narrativas no futebol no seguinte sentido. O esporte é o local onde, apesar de a narrativa ser construída sob o ponto de vista dos vencedores, conservando uma característica forte do historicismo, é possível realizar

a história a contrapelo, isto é, exaltar aqueles que foram derrotados de modo a conservar aspectos de sua grandeza.

A narrativa do futebol age similarmente àquela que Benjamin tanto preza no seu livro “O narrador”. Segundo ele, a narrativa “Não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.” (BENJAMIN, p. 204, 1994). Aqui se faz importante dedicar algumas linhas àqueles que são os principais atores que constroem essa narrativa e como o fazem, a saber: os torcedores.

O torcedor é aquele em que a memória esportiva repousa. Assim como o narrador de Benjamin, que a partir da tradição oral e da experiência conta histórias que propagam acontecimentos históricos e personagens míticos, o torcedor, a partir de suas lembranças e daquilo que ouviu, propaga e narra os grandes feitos de seus clubes.

É nesse ponto que aparece um fator fundamental para o futebol de modo geral. Esse aspecto é a memória. Segundo Benjamin, “A memória é a mais épica de todas as faculdades. Somente uma memória abrangente permite à poesia épica apropriar-se do curso das coisas, por um lado, e resignar-se, por outro lado, com o desaparecimento dessas coisas, com o poder - da morte” (BENJAMIN, p.210, 1994). A memória é fator fundamental na construção histórica e mitológica do futebol. A memória se associa à narrativa de modo a conservar a força e atualizar as narrativas acerca do passado do esporte no país.

Como afirmou Benjamin no trecho transcrito no parágrafo anterior, uma memória abrangente permite que a poesia épica se aproprie do curso das coisas, isto é, permite que ela tome uma posição de criação na história. Segundo Benjamin, em outro trecho:

“A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas, encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Sherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando.” (BENJAMIN, p.211, 1994)

O narrador da poesia épica conserva aquela lembrança na mesma medida em que imagina uma nova história e engrandece os fatos no que diz respeito àquela memória. Da mesma maneira que podemos imaginar que, cada torcedor, ao rememorar o passado

glorioso de seu time, o faz de maneira diferente da de outro, conservando assim a força da memória e da narrativa sobre aquele fato histórico.

No entanto, a Safilização e o acentuamento do processo de ataque aos clubes menos tradicionais e ao passado histórico desempenham um papel que visa, de certo modo, exterminar a importância daqueles que foram vencidos, tornando a história mera reprodução daqueles que venceram. No entanto, isso para a memória esportiva é inconcebível, tendo em vista que só há grandeza em uma conquista se existem grandes adversários no caminho.

Como Benjamin afirmou no seu ensaio “Sobre o conceito de história”:

A história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele que vem preenchido pelo tempo-agora. Assim, para Robespierre, a Roma antiga era um passado carregado de tempo-agora que ele fez explodir do continuum da história” (BENJAMIN, p.83, 2020)

A história do futebol brasileiro, assim como a história é para Benjamin, não é um tempo homogêneo e vazio. É um espaço onde é necessário lutar para defender aqueles que hoje não dispõem de forças suficientes para se defender das agressões daqueles que têm hoje o poderio financeiro. Defender a tradição e a história do futebol brasileiro se faz necessário diante desse processo de Safilização, uma vez que o apagamento daqueles que outrora foram imponentes pressupõe uma diminuição do vencedor, ou seja, para que o futebol brasileiro sobreviva, é necessário que haja uma defesa daqueles que hoje estão em maiores dificuldades. Como Benjamin afirma na tese VI do ensaio:

“O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.” (BENJAMIN, p.70, 2020).

Conclusão - Apesar de tudo, o futebol não irá acabar

Como exposto nesse trabalho, o futebol brasileiro passa por uma crise de identidade provocada pelos processos de Safilização e pelas dinâmicas econômico-sociais do capitalismo mundial. Contudo, para finalizar esse trabalho, gostaria de trazer uma reflexão acerca do porquê o futebol brasileiro, apesar da crise, está bastante distante de seu fim.

A instabilidade criada pelas más gestões dos clubes associativos, a propaganda positiva em torno das SAFs, a euforia da possibilidade de voltar ao estrelato e o choque de realidade em torno das muitas problemáticas das SAFs no país têm em todas essas etapas uma coisa em comum, isto é, o torcedor. O adepto, aquele que comemora as vitórias de seu time, que chora as derrotas, que “corneta”, que “elogia”, que, segundo Galeano, compartilha com milhares a sua paixão, continuou sendo figura frequente e presente nos recintos do futebol brasileiro.

Apesar das sucessivas tentativas de afastá-lo e de elitizá-lo, o torcedor brasileiro, que corneta, que aplaude, que vaia, que reclama, que defende e que vai do céu ao inferno e do inferno ao céu em questão de segundos, ainda é uma figura crucial naquilo que o futebol é hoje. Sem ele, toda a cadeia nacional que envolve jogadores, dirigentes, empresários, patrocinadores e televisão se torna vazia de sentido e irrelevante. O fanático por futebol é, ainda hoje, a base fundamental que torna o futebol cultura popular.

E, por mais que o capital/mercado muitas vezes tente ceifar a paixão do torcedor, ainda que os péssimos resultados esportivos o deprimam, o torcedor está presente e apoiando o seu clube de coração. Exemplos disso não faltam, mas destaco três casos em particular, a saber:

Em primeiro lugar, do Santa Cruz que, em meio ao pior momento de sua história, colocou um público de 40.505 pessoas no jogo de ida das quartas de final da Série D do Campeonato Brasileiro. A torcida do Tricolor do Arruda foi um verdadeiro 12º jogador e fundamental para garantir o acesso à série C.

Outro caso é o do Clube Náutico Capibaribe que, na última rodada do grupo de acesso da série C, levou 16.476 torcedores para o Estádio do Aflitos em um jogo tenso que sacramentou o acesso do clube para a Série B. As imagens da torcida do Náutico

invadindo o campo para comemorar o acesso demonstram a paixão do torcedor que, mesmo nos momentos ruins, não abandonou o clube.

Imagem 1 – Fotografia da Festa do Acesso da Torcida do Náutico



Por fim, cito o exemplo do Clube do Remo. Clube paraense que, nesse momento, está disputando o acesso para a divisão máxima do futebol brasileiro. Após a vitória por 3 a 1 sobre o Cuiabá no Mato Grosso, a torcida, que tem a segunda melhor média de público da Série B, foi recepcionar o elenco no aeroporto. Apesar de o campeonato ainda não ter acabado, o “fenômeno azul”, apelido da torcida local, demonstra que não vai abandonar o clube.

Imagem 2 – Fotografia da recepção da torcida do Remo



Os casos de Náutico, Santa Cruz e Clube do Remo indicam que, apesar das sucessivas tentativas de afastamento dos torcedores de clubes menores do grande palco, suas torcidas teimam em resistir e em manter sua história, tradição e paixão vivas.

Benjamin, na sexta tese do livro “Sobre o Conceito de História”, afirma que o materialista histórico tem o dever para com aqueles que pereceram no passado. Aproveitando essa passagem, podemos dizer que o historiador, o intelectual e todos aqueles que fazem parte do ecossistema têm um dever para com a figura do torcedor, uma vez que todos aqueles que escolheram trabalhar ou estudar com esse esporte o fazem, pois, um dia, foram apenas um torcedor apaixonado, que comemorava e chorava as alegrias de seu time. Em conclusão, se há uma figura no país que pode fazer com que o futebol e sua memória sejam preservados, esta figura é o torcedor. Considerando tudo o que foi até aqui defendido, a defesa desse torcedor tipicamente brasileiro se torna imprescindível. Inclusive como uma defesa de uma cultura nacional que resiste aos avanços destrutivos do Capital.

Para finalizar o texto, trago um verso de um poema do poeta português Fernando Pessoa, onde ele afirma que “Navegar é preciso, viver não é preciso.” (PESSOA, p.1). O movimento que o autor evoca é de que não basta somente viver, que, no futebol, seria viver sem expectativas de disputar taças e, de certo modo, de maneira mecânica, apenas esperando o próximo jogo sem maiores expectativas. Para o torcedor, e para o clube, é necessário navegar, desbravar e buscar a glória sempre, pois é disso que o esporte vive.

Referências Bibliográficas

ABOUT City Football Group. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.cityfootballgroup.com/company>. Acesso em: 31 out. 2025.

AFP (Londres). Premier League quebra recorde e ultrapassa a barreira dos R\$ 21 bilhões em gastos com reforços na janela. **O Globo**, Londres, p. 1, 25 set. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/noticia/2025/09/02/premier-league-quebra-recorde-e-ultrapassa-a-barreira-dos-r-21-bilhoes-em-gastos-com-reforcos-na-janela.ghhtml>. Acesso em 20 nov. 2025

BALTAR, Marcelo; SCHMITT, Tébaro. Um ano de Vasco SAF: mais de R\$ 300 milhões para o futebol, pouca bola e bastidores agitados. **Globo Esporte**, [S. l.], 1 set. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2023/09/01/um-ano-de-vasco-saf-mais-de-r-300-milhoes-para-o-futebol-pouca-bola-e-bastidores-agitados.ghhtml>. Acesso em: 31 out. 2025.

BARCELLOS, JC. Brasileirão movimenta na janela valor cinco vezes maior que as demais ligas sul-americanas. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, p. 1, 6 set. 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2025/09/06/brasileirao-movimenta-na-janela-valor-cinco-vezes-maior-que-as-demas-ligas-sul-americanas.ghhtml>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BARROS, Davi; DE MEDEIROS, Renata; LEIRAS, Thayuan. Botafogo oficializa venda da SAF e receberá mais R\$ 100 milhões de John Textor nos próximos dias. **Globo Esporte**, [S. l.], 3 mar. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2022/03/03/botafogo-oficializa-venda-da-saf-e-recebera-mais-r-100-milhoes-de-john-textor-nos-proximos-dias.ghhtml>. Acesso em: 31 out. 2025.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. 1. ed. rev. Porto Alegre: Editora ZOUK, 2012

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de História**. São Paulo: Alameda, 2020.

BETING, Mauro. Copa União 1987 e Clube dos 13 – A Linha do Tempo e do Dinheiro. **Lance**, Rio de Janeiro, 25 fev. 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160916165000/http://blogs.lance.com.br/maurobeting/2011/02/25/copa-uniao-1987-e-clube-dos-13-a-linha-do-tempo-e-do-dinheiro/>. Acesso em: 31 out. 2025.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento Marxista**. Brasil: Zahar, 1988.

BRASIL. Lei nº 8672, de 6 de julho de 1993. Institui normas gerais sobre desportos e dá outras providências. **Lei Nº 8672 de 6 de julho de 1993**, Brasília- DF, 6 jul. 1993.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo país. **DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941.**, Rio de Janeiro- DF, 14 abr. 1941.

COCETRONE, Gabriel. Lei Pelé: entenda importância histórica para o esporte brasileiro... - Veja mais em <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2023/01/03/lei-pele-entenda-importancia-historica-para-o-esporte-brasileiro.htm?cmpid=copiaecola>. **UOL**, [S. l.], 3 jan. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2023/01/03/lei-pele-entenda-importancia-historica-para-o-esporte-brasileiro.htm>. Acesso em: 31 out. 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. Anatomia do novo neoliberalismo. Artigo de Pierre Dardot e Christian Laval. **Viento Sur**, n. 164, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591075-anatomia-do-novo-neoliberalismo-artigo-de-pierre-dardot-e-christian-laval>. Acesso em: 31 out. 2025.

ESPORTE, Globo. **Sucesso nos anos 90, União São João retoma futebol profissional após sete temporadas**: Alviverde de Araras estreia neste sábado, contra Itapireense, na Segundona do Campeonato Paulista. Araras-SP, 23 abr. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/ribeirao-preto-e-regiao/futebol/noticia/2022/04/23/sucesso-nos-anos-90-uniao-sao-joao-retoma-futebol-profissional-apos-sete-temporadas.ghtml> . Acesso em: 26 fev. 2024.

GE, Redação do. Grupo City acumula prejuízo de R\$ 7,3 bilhões desde a sua criação. **Globo Esporte**, Manchester, Inglaterra, p. 1, 12 mar. 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol->

ingles/noticia/2025/03/12/grupo-city-acumula-prejuizo-de-r-73-bilhoes-desde-a-sua-criacao.ghhtml. Acesso em: 31 out. 2025.

GOAL, Redação. Vinícius Júnior no Real Madrid: valor da transferência, salário, apresentação e outras informações. **Goal**, [S. l.], p. 1, 31 jul. 2018. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/vinicius-jr-contratacao-real-madrid-2018-detalhes-informacoes/1ti268gbo6e741sejxtupqvjrm>. Acesso em: 31 out. 2025.

HEGEL, G.W.F. **A enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio: A ciência da lógica**. São Paulo: Loyola, 1995.

LIMA, Thiago. Como o Flamengo descobriu Vini Jr, primeiro jogador formado no clube a se tornar o melhor do mundo. **Globo Esporte**, [S. l.], p. 1, 18 dez. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2024/12/18/como-o-flamengo-descobriu-vini-jr-primeiro-jogador-formado-no-clube-a-se-tornar-o-melhor-do-mundo.ghhtml>. Acesso em: 31 out. 2025.

LOIS, Rodrigo. Guerra na África gera protestos contra o Arsenal por patrocínio milionário; entenda. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, p. 1, 11 fev. 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2025/02/11/guerra-na-africa-gera-protestos-contr-o-arsenal-por-patrocinio-milionario-entenda.ghhtml>. Acesso em: 31 out. 2025.

LOURAU, Rene. **A Análise Institucional**. 2. ed. rev. São Paulo: Vozes, 1996.

MAIA, Gustavo. **DIREITO DESPORTIVO: O ADVENTO DAS SAF (SOCIEDADE ANÔNIMA DE FUTEBOL) E A CRIAÇÃO DE UM MODELO DE GESTÃO EMPRESARIAL NO FUTEBOL BRASILEIRO**. Orientador: Carmem da silva martins. 2021. TCC (Direito) - PUC goias, [S. l.], 2021.

MANSUR, Carlos Eduardo. Mais do que a lei do ex, a eliminação do Fluminense tem a marca da lei do mais rico. **Lance**, [S. l.], p. 1, 9 jul. 2025. Disponível em: <https://ge.globo.com/blogs/blog-do-mansur/post/2025/07/09/mais-do-que-a-lei-do-ex-a-eliminacao-do-fluminense-tem-a-marca-da-lei-do-mais-rico.ghhtml>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARCHIORI, Guto; KOTOVICZ, Lucas. Quanto custam as camisas dos principais clubes brasileiros? Veja ranking. **Globo Esporte**, Curitiba e Rio de Janeiro, p. 1, 25 out.

2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/pr/futebol/noticia/2024/10/25/palmeiras-tem-a-camisa-mais-cara-do-futebol-brasileiro-veja-ranking.ghml>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARX, Karl. **Contribuição a crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2021.

MARX, Karl. **O Capital - Crítica da Economia Política: Livro 1**. São Paulo: Boitempo, 2020.

MARX, Karl. **O capital - Critica da Economia Política: Livro 3**. São Paulo: Boitempo, 2021.

MOSTARO, Filipe. **A invenção dos técnicos: A narrativa dos treinadores brasileiros nas nove primeiras Copas do Mundo**. Curitiba - Brasil: Editora CRV, 2025.

NETO, Giovanni. **A SOCIEDADE ANÔNIMA DO FUTEBOL (SAF) E A MONETIZAÇÃO DA PAIXÃO**. Orientador: Luiz Osório Moraes Panza. 2021. TCC (Direito) - Centro Universitário Curitiba, [S. l.], 2021.

NOSSA História - A. A. PONTE PRETA. Disponível em: <https://pontepreta.com.br/nossa-historia/>. Acesso em: 7 fev. 2024.

O PRIMEIRO jogador livre: Afonsinho conta como desafiou sistema para ser primeiro jogador livre do futebol brasileiro em plena ditadura. Rio de Janeiro, 1 maio 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/afonsinho-liga-jejum-apos-copa-de-1970-da-selecao-com-a-ditadura-comissoes-tecnicas-tinham-intervencao/#end-card> . Acesso em: 26 fev. 2024.

O QUE é SAF. 2022. Disponível em: <https://www.cruzeiro.com.br/paginas/o-que-e-saf> Acesso em: 26 fev. 2024.

PACHUKANIS, Evguiéni. **Fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2020.

PESSOA, Fernando. **Navegar é preciso**. Disponível em < [jp0000001.pdf\(dominiopublico.gov.br\)](http://jp0000001.pdf(dominiopublico.gov.br))> Último acesso em: 27/11/2023

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. **Lei nº 10406, de 10 de janeiro de 2002**. LEI Nº 10.406, DE 10 DE

JANEIRO DE 2002, Institui o Código Civil. [S. l.], 10 jan. 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm. Acesso em: 31 out. 2025.

RODRIGUES, Nelson. **A sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. 3. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SAAD FILHO, Alfredo; FINE, Ben. **O Capital de Marx**. São Paulo: Contracorrente, 2021.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Brasil: Record, 2000.

SIQUEIRA, Felipe; LIMA, Thiago; CARVALHO, Paula. Fluminense conclui operação de venda de Kayky ao Manchester City e costura parceria com grupo. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, disponível em [Fluminense conclui operação de venda de Kayky ao Manchester City e costura parceria com grupo | fluminense | ge \(globo.com\)](https://globo.com/esportes/brasil/fluminense-conclui-operacao-de-venda-de-kayky-ao-manchester-city-e-costura-parceria-com-grupo), Último acesso em 27/11/2023.

SOARES, Rafael. Ascensão, glória e incerteza: as histórias e os bastidores da SAF do Botafogo (parte 1). **O GLOBO**, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/especial/ascensao-gloria-e-incerteza-as-historias-e-os-bastidores-da-saf-do-botafogo-parte-1.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SOARES, Rafael. Ascensão, glória e incerteza (parte 2): como Botafogo abriu mão de proteções e foi usado por Textor como garantia para compra do Lyon. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, p. 1, 18 set. 2025. Disponível em: <https://marreta.pcdomanual.com/p/https://oglobo.globo.com/esportes/especial/ascensao-gloria-e-incerteza-parte-2-como-botafogo-abriu-mao-de-protecoes-e-foi-usado-por-textor-como-garantia-para-compra-do-lyon.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SOARES, Rafael. Ascensão, glória e incerteza (parte 3): como Textor comprometeu recursos do Botafogo para salvar o Lyon, e qual será o futuro alvinegro. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, p. 1, 19 set. 2025. Disponível em: <https://marreta.pcdomanual.com/p/https://oglobo.globo.com/esportes/especial/ascensao-gloria-e-incerteza-parte-3-como-textor-comprometeu-recursos-do-botafogo-para-salvar-o-lyon-e-qual-sera-o-futuro-alvinegro.ghtml>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SPORTV, Redação. Brasileiros gostam de vencer, e não de futebol, diz jornalista inglês. **SPORTV**, Rio de Janeiro, 3 dez. 2012. Disponível em: <https://ge.globo.com/sportv/programas/redacao-sportv/noticia/2012/12/brasileiros-gostam-de-vencer-e-nao-de-futebol-diz-jornalista-ingles.html>. Acesso em: 31 out. 2025.

TEIXEIRA, Chandy; GARCIA, Gustavo. Copa União, fuga dos sócios e dívida: a queda livre até a Série B do Carioca. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, p. 1, 18 set. 2014. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/serra-lagos-norte/america-110-anos/noticia/2014/09/copa-uniao-fuga-dos-socios-e-divida-queda-livre-ate-serie-b-do-carioca.html>. Acesso em: 31 out. 2025.

WERLANG, Hector. Fluminense conclui negociação e acerta venda de João Pedro ao Watford. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, disponível em [Fluminense conclui negociação e acerta venda de João Pedro ao Watford | fluminense | ge \(globo.com\)](#), Último acesso em: 27/11/2023.

ZITO, Felipe. Palmeiras acerta venda de Endrick para o Real Madrid. **Globo Esporte**, São Paulo, disponível em [Palmeiras acerta venda de Endrick para o Real Madrid | Palmeiras | ge \(globo.com\)](#), último acesso em 27/11/2023.